

# Caminhantes

Carolina Cifras, Ana Trincão

**Este projecto baseia-se em pesquisas e práticas individuais desenvolvidas nos últimos anos. Como encaras o convite para transformá-lo numa acção colectiva?**

Desde 2016, depois de “Oropel”, que me pergunto: como criar uma experiência cénica que se altere nos contextos e territórios onde é vivida? Como criar uma experiência polifónica, entrópica e dinâmica nas suas expressões? Quando recebi o convite do Festival Materiais Diversos senti que seria um bom espaço para desenvolver e aprofundar a criação de experiências que constituem o processo criativo de um exercício cénico. Refiro-me a criar dispositivos que expressem o espírito de um trabalho, e que se podem manifestar de várias maneiras, dependendo de como se situam. Sinto que os tempos têm vindo a revelar que todas as investigações, exercícios cénicos ou processos criativos, têm uma multiplicidade ou a capacidade de se exprimirem de várias formas, isto é, como peça de teatro, como laboratório, como instalação sonora, vídeo, escrita, entre muitos outros. Ressoa muito, em mim, como as possibilidades de uma investigação podem expandir-se, como se expressam para partilhar o que se está a pensar e praticar. Sinto esse dinamismo e sinto a necessidade de mobilizar o trabalho e abrir as práticas a outros territórios e contextos. ¶ Neste sentido, tive em conta perguntas, imagens e práticas para criar um dispositivo que expresse o espírito de investigação que vai pulsando e que permite, por meio da vivência, vincular o processo criativo. No Festival Materiais Diversos, sinto a oportunidade de expandir o trabalho através de reflexões partilhadas num ambiente sensível, de realizar esta experiência de formatos polifónicos a serem vivenciados pela comunidade. Entre outras, interessam-me as práticas colectivas e, sobretudo, os laboratórios onde se mobilizam os conteúdos da comunhão de uma diversidade que ressignifica. Então, receber este convite, para mim, relaciona-se justamente com a partilha colectiva de práticas ampliadas com a comunidade: neste caso, a arte de caminhar.

**O que te motiva a iniciar uma prática em torno do acto de caminhar?**

É um tecido de questões que têm temporalidades diversas, ou seja: ao longo dos anos algumas coisas foram-se intensificando, tais como interesses ou questões; em alguns momentos apresentando-se com grande força, e em outros, desaparecendo. Quando o Festival Materiais Diversos me fez este convite, o tecido começou a ser cosido e articulado com o foco em concentrar esta energia num gesto que, neste caso, é a arte de caminhar. Este gesto motiva-me porque acredito que caminhar abre possibilidades diversas e incomensuráveis de diálogo, e diálogo com o território, com o tempo, com o espaço, com as pessoas que estão nessa caminhada, e em caminhada. ¶ É como se colocasse em panorâmica um ecossistema vivo que existe nos lugares por onde passamos. Se fosse num espaço interior, também existia um diálogo, ao sentir e perceber esse espaço. Quando se está sozinha, está-se em diálogo consigo mesma. Há sempre um diálogo que se conecta. De alguma forma, andar permite irmos conectando-nos com o visível e o invisível, com o material e o imaterial, acho que o movimento em geral tem essa bela característica e a capacidade de se conectar. E caminhar na natureza é uma acção muito antiga. Para os nossos povos indígenas caminhar era uma atividade vital. No México ainda há povos que caminham muito; é conectar-se com uma substância, com uma essência vital: conectar-se com o espírito da terra. ¶ Aquilo que desperta o caminhar também é algo que me interessa vivenciar e partilhar numa experiência. Por outro lado, gosto da ideia ou, interessa-me, resgatar a arte de caminhar como algo que foi abduzido pelo capitalismo, no sentido em que, de alguma forma, com o consumo de automóveis e a superprodutividade nos empregos, as distâncias, as velocidades dos horários de trabalho não deixam a possibilidade de caminhar a pé. Sinto que o capitalismo nos afasta de alguns aspectos vitais como a conexão com o território, a conexão com o espaço e com o tempo. No capitalismo tem de se produzir. Por exemplo, em Santiago do Chile quase não há áreas verdes onde as pessoas possam mover-se e conectar-se com o território natural dentro da cidade; existe uma superpopulação de edifícios. As pessoas têm-se desconectado do território onde vivem e habitam, e isso gera um afastamento da possibilidade de ser soberanas e soberanos. Desligar-se do território que habitamos é abandonar da soberania que através dos nossos corpos podemos sentir e exercer com respeito ao território em que vivemos e, assim, sentir a experiência da autonomia na coledividade, na comunidade. ¶ Da mesma forma, existe a motivação para um foco na arte de caminhar, como experiência de deslocamento de um lugar para outro carregando o essencial. Lembro as culturas nómadas que, para ir para outro território, vão com o essencial. Caminhar para mim tem aquela

**This project is based on individual research and practices developed in recent years. How do you perceive the invitation to transform it into a collective action?**

Since 2016, after “Oropel”, I’ve asked myself how I could create a scenic experience that is altered depending on the contexts and territories where it is experienced. How to create an experience that is polyphonic, entropic and dynamic in its expressions? When I got the invitation from Festival Materiais Diversos, I felt it would be a good space to develop and deepen the creation of experiences which constitute the creative process, as well as a scenic exercise. I’m referring to creating tools that express the spirit of a work and can be manifested in several ways, depending on where they’re located. I feel that time has revealed that all the research, scenic exercises and creative processes have a multiplicity and the capacity to express themselves in various forms, that is, as a play, a workshop, a sound installation, video, writing, and many others. It very much resonates with me, how the possibilities of an investigation can expand, how they are expressed for sharing what one is thinking or practicing. I feel those dynamics and the need to mobilize the work and open up the practices to other territories and contexts. ¶ So I kept some questions, images and practices in mind to create a tool that expresses the spirit of a pulsating research and allows us, through the experience, to bind the creative process. At Festival Materiais Diversos, I have the opportunity to expand the work through shared reflections in a sensible environment, of concretizing this experience of polyphonic formats so they can be experienced by the community. Among other things, I am interested in collective practices and, above all, the workshops where we mobilize the contents of a communion of diversity which is re-signified. Therefore, for me, to get this invitation is related precisely to the collective sharing of practices amplified by the community: in this case, the art of walking.

**What motivated you to begin a practice around the act of walking?**

It’s a fabric of questions which have diverse temporalities, in other words, throughout the years some things intensified, such as interests or questions; at times presenting themselves with great strength, at other times disappearing. When the Festival Materiais Diversos invited me, the framework began to be sewn and articulated with a focus on concentrating this energy in a gesture which, in this case, is the art of walking. This gesture motivates me because I believe that walking opens up various and immeasurable possibilities for dialogue, and dialogue with the territory, with time, space, the people on that walk, and walking itself. ¶ It’s as if I placed a living ecosystem, which exists in the places we pass through, in a panorama; if it were an interior space, there would also be a dialogue, in feeling and understanding that space. When you’re alone, you’re in dialogue with yourself. There is always a connecting dialogue. In some ways, walking allows us to connect with the visible and invisible as we go, with the material and immaterial. I think movement in general has that beautiful characteristic, and the capacity for connection. And walking in nature is a very ancient action. For our indigenous peoples, walking was a vital activity. In Mexico, there are still people who walk a lot; it is a way of connecting with a substance, with a vital essence: to connect with the spirit of the earth. ¶ What walking awakens is also something I am interested in experiencing, and sharing as an experience. On the other hand, I like the idea, or I am interested in, rescuing the art of walking as something that was abducted by capitalism, in the sense that, in some way, the consumption of cars and the super-productivity of labor, the distances and the speed of work timetables leave no possibility for walking. I feel like capitalism distances us from some vital aspects like the connection to territory, to time and to space. In capitalism, one must produce. For example, in Santiago de Chile, there are almost no green areas in which people can move and connect to the natural territory inside the city; there is an overpopulation of buildings. People have become disconnected from the territory they live in and inhabit, and that generates a distancing from the possibility of sovereignty. To disconnect from the territory we inhabit is to move away from sovereignty, which we can feel and exercise with our bodies, and with respect for the territory in which we live and, therefore, feel the experience of autonomy in the collective, in the community. ¶ In the same way, there is a motivation to focus on the art of walking, as an experience of dislocation from one place to the other, carrying the essential. It reminds me of the nomadic cultures who, in order to move to another territory, take only the essentials. Walking for me contains that beauty of carrying the essential. Walking, moving with what we have on a material level and what we are on an immaterial level. It’s as if walking is entering into a non-time; there is no past or future, only that present which

beleza que é carregar o essencial. Andando, movendo-se com o que se tem no nível material e o que se é no plano imaterial. Sinto que caminhar é entrar em um não tempo, não há passado e não há futuro, só existe aquele presente marcado pelo passo, pelas passadas. ¶ Por último, a própria prática de caminhar – ou para mim, a arte de caminhar – também me motiva muito, pois acredito que é nesta acção que existe a possibilidade de diluir o Eu para ir para um Nós, seja com outras pessoas que estão caminhando, seja com a natureza. É como se abrissemos um espaço de conexão, não pela linguagem, mas pelo estar ali caminhando e vice-versa. É como um infinito em que o ego se dilui e estamos em um “nós” que é um “eu” conjunto, somos ao mesmo tempo. Uma individualidade em colectividade ou um espaço comum, algo que também se fragilizou com o capitalismo, mas que actualmente se recupera cada vez mais por meio de instâncias e tecidos que assumem outras visões de comunidade, sociedade e de Si mesmo numa rede de alteridade dinâmica, cooperativa, em colaboração e co-emergência: em comunhão.

**Quando surgem as marchas e movimentos que mencionas como parte integrante da tua pesquisa?**

As marchas surgiram como parte integrante da minha pesquisa nos últimos 3 anos. Comecei a mergulhar novamente na arte de caminhar observando as marchas sociais e estudando fenómenos históricos no México e na Bolívia. Comecei então a investigar em torno de um eixo histórico-social e de um outro eixo sobre o que a acção de caminhar suscita. Caminhar é uma prática que tenho há muitos anos e em diferentes territórios. É algo que sempre vivi: viajei por cidades, lugares e paisagens, sempre caminhando. É uma prática que tenho na minha vida. Mas as marchas emocionaram-me especialmente como fenómeno político e social. Sempre tive uma forte admiração pelo espírito que eleva um momento colectivo, quando as pessoas ressoam a um mesmo ritmo, passo a passo, por um bem comum: sonhos, desejos, direitos. ¶ Desde que saí da capital, Santiago, abriu-se um espaço de recuperação no que diz respeito ao território, fazendo com o que se tem. No meu caso, diante de mim havia morros e campos, então começou a gerar-se um tecido, que se relaciona com a acção de caminhar e o que daí se revela. Da mesma forma, as marchas, que surgiram em diferentes momentos suscitando diferentes questões, provocam em mim uma reflexão sobre os fenómenos sociais e políticos em diferentes contextos. ¶ É, talvez, nos últimos 3 anos, com o 18 de Outubro de 2019, no Chile, um estado social que gerou grande força na recuperação do espaço público, que este tecido me move novamente através, entre outras coisas, da acção de estar juntos caminhando. Nesse contexto, participei numa marcha desde a cidade portuária de Valparaíso até La Moneda, a casa do governo localizada em Santiago, onde dormimos uma noite ao ar livre. ¶ Com essas ressonâncias radicais do espírito de caminhar, relaciono-me com a arte de caminhar como elo interno-externo com o território que somos, como individualidade e colectividade simultânea de natureza e cultura. É por causa desse tecido complexo e dinâmico que as marchas para mim são uma fonte, uma ferramenta, um recurso e um pulso para desvendar questões em torno do material-imaterial e do visível-invisível com que o sistema neoliberal e o capitalismo atravessam as nossas experiências sensíveis e subjectivas.

**Que práticas tens explorado para investigar conceitos como neoliberalismo e necropolítica (Achile Mbembe)? E para este projecto específico?**

As aplicações têm sido diversas e estão relacionadas não só com a prática artística, mas também com a tomada de decisões como ser humano, como pessoa, mulher, mãe, filha, companheira, amiga, professora, etc. Quero dizer que esses conceitos, na época em que comecei a estudá-los, não questionavam apenas as práticas artísticas, mas também a forma como eu me posicionava no mundo: então, à medida que aprofundava isso, a minha vida começou a modificar-se. Tudo isso tem a ver não apenas com a experimentação de práticas físicas corporais, mas também com assumir uma posição como pessoa e como artista. Nesse sentido, uma das primeiras acções que fiz foi sair do centro, ou seja, sair da capital, sair de Santiago. E isso já é uma experiência por si para investigar dentro desses conceitos. Isso permitiu-me experimentar, em certo sentido, a necropolítica. Quer dizer, deixar o centro levantou questões como: o que se sente? O que significa não estar no centro onde tudo é mais contido? Ao sair do centro, novas possibilidades foram-se abrindo, como a criação de centros fora de um grande centro. Esta foi uma das primeiras acções dentro do conceito. Por outro lado, em 2016, tivemos um processo criativo onde surgiu a segunda peça da trilogia: “Oropel”. Para esse processo, reflecti sobre como criar uma metodologia de trabalho que nos submergisse e nos permitisse explorar o que é ser um trabalhador ininterrupto de 12 horas, sem parar, ou seja, ser superexplorado, superexposto... E assim foi criada esta peça, que tratava também da superexploração. ¶ Então, vou investigando em diferentes áreas que se relacionam com a minha vida. Entre outras pesquisas, há uma prática que tenho desenvolvido que é submergir-me a partir de um lugar mais corpóreo e sensorial. Fui criando um buraco no jardim da minha casa e enterrando-me em diferentes horas do dia e percebendo o estado do meu ser, estando o meu corpo na terra. ¶ E para Caminhantes, em particular, partimos do essencial e do pulsar daquilo que é comum, dois aspectos que o neoliberalismo não nos permite explorar e dos quais, antes, nos afasta: por exemplo, a vontade

*is marked step by step, by the footsteps. And finally, the practice of walking itself – or for me, the art of walking – also motivates me greatly, because I believe that it is in this action that exists the possibility of diluting the I and to move towards a We, with other people who are walking and/or with nature. It's as if we opened up a space for connection, not through language but by being there walking and vice-versa. It's like an infinite where the ego dilutes itself and we are in a “we” which is an “I” together, at the same time. An individuality in collectivity or in a common space, something that also eroded with capitalism, but that is currently being increasingly recuperated through instances and fabrics that take on other visions of community, society and itself, in a network of dynamic, cooperative, collaborative and co-emerging: in communion.*

**When did the marches and movements you mention come up as an integral part of your research?**

*The marches came up as an integral part of my research in the last 3 years. I began to once again dive into the art of walking, observing social marches and studying historic phenomena in Mexico and Bolivia. I then began investigating around a historic-social axis, and another axis on what the act of walking elicits. Walking is a practice I've had for many years, and in different territories. It is something I've always experienced: I've travelled through cities, places and landscapes, always walking. It's a living practice. But the walks moved me especially as a political and social phenomenon. I've always had a strong admiration for the spirit that elevates the collective moment, when people resonate at the same rhythm, step by step, for a common good: dreams, desires, rights. ¶ Since I left the capital, Santiago, a space has opened up with regards to territory, doing with what we have. In my case, ahead of me were hills and fields, and then a framework started happening, related to the action of walking and what is revealed. In the same way, the walks, which occurred at different moments eliciting different questions, focused me on a reflection on the social and political phenomenon in different contexts. ¶ It has been in the last 3 years maybe, since the 18th October, 2019 in Chile, a social state of mind which has generated great strength in restoring the public space, that this framework once again moved me, among other things, towards the action of being together while walking. In that context, I participated in a walk from the port city of Valparaíso to La Moneda, the government building in Santiago, where we slept outdoors for a night. ¶ With those radical resonances of the walking spirit, I relate to the art of walking as an internal-external link with the territory that we are, as simultaneous individualities and collectives of nature and culture. It is because of that complex and dynamic fabric, that the walks for me are a source, a tool, a resource and a pulse for unravelling questions around the material-immaterial and the visible-invisible, with which the neoliberal and capitalist systems penetrate our sensitive and subjective experiences.*

**Which practices have you explored, to investigate concepts such as neoliberalism and necropolitics (Achile Mbembe)? And for this project specifically?**

*The applications have been diverse, and are related not only to artistic practice but also to making decisions as a human being, a woman, mother, daughter, companion, friend, teacher, etc. What I mean is that those concepts, when I began studying them, didn't just question artistic practices, but also the way I positioned myself in the world, so, as I went deeper into that, my life began to change. All that has to do with not only experimentation with physical corporeal practices, but also with assuming a position as a person and an artist. In that regard, one of the first actions I took was to leave the centre, that is, leave the capital, leave Santiago. That in itself is an experience of researching those concepts. That allowed me to experiment with necropolitics in a certain sense. I mean, leaving the centre raised questions such as: what does one feel? What does it mean to not be in the centre where everything is more contained? In leaving the centre, new possibilities opened up, like the creation of centres outside of a large centre. That was one of the first actions within the concept. On the other hand, in 2016 we engaged in a creative process during which the second piece of the trilogy “Oropel” happened. For that process, I reflected on how to create a work methodology which would submerge us and allow us to explore what it means to be an uninterrupted worker for 12 hours non-stop, in other words, to be super-exploited, super-exposed... And that's how the piece was created, which also dealt with super-exploitation. ¶ Therefore, I keep investigating different areas which relate to my life. Among other research, I have developed a practice which is to submerge myself from a more corporeal and sensorial place. I started digging a hole in my garden, and burying myself at different times of day to understand the state of my being, with my body inside the earth. ¶ And for Caminhantes in particular, we departed from the essential and the pulsating of the common, two aspects that neoliberalism does not allow us to explore, and which rather separate us: take for example the desire to be in relationship to what is really substantial, neoliberalism, on the contrary, makes us believe we need things that, ultimately, we don't need. And we insist on the communal because neoliberalism and necropolitics persistently push us in the opposite direction, towards individualism. For Caminhantes, questions came up such as: “What is the sensation of walk-*

de estar em relação com o que é realmente substancial, mas, ao contrário, o neoliberalismo fazer-nos acreditar que precisamos de coisas de que, em última análise, não precisamos. E insistir no comum porque o neoliberalismo e a necropolítica empurram-nos persistentemente para o oposto, para o individualismo. Para Caminhantes, surgiram questões como: “Qual é a sensação de caminhar sem os nossos bens materiais e apenas levando-nos a nós mesmos? Qual é a sensação de sentir o nosso coração dentro de nós e não fora?”

**Como foi a experiência de realizar este projecto à distância com uma artista de outro país?**

Gostaria de começar por agradecer à Elisabete pelas suas generosas qualidades humanas e por ter tido a maravilhosa ideia de criar um laboratório em torno da investigação. Foi um gesto muito humano ver essa possibilidade também pelo acidente que sofri. Por isso, agradeço muito o espaço de diálogo. ¶ Tem sido muito nutritivo o processo, abrir algo íntimo a outra artista feminina, que, no caso, é a Ana Trincão, e tem sido uma grande surpresa, uma grande oportunidade de reconfirmar que tudo se retroalimenta e cresce, em redes, em comunidade. A Ana Trincão trouxe-me um desafio, tem sido muito respeitosa, criativa e generosa, muito atenciosa. Tem sido uma experiência de comunhão entre a sua visão intuitiva sobre os conceitos e a minha proposta a partir do que já vinha trabalhando. Foi uma comunhão onde se abriu outra possibilidade, é como se tivesse nascido um terceiro corpo, um mistério, não é Ana nem é Carolina. Tem sido um exercício de pensar em como mergulhar e convidar a Ana para este laboratório, convidá-la para o mundo dos Caminhantes, mas para ela continuar a ser ela e, nesse sentido, tem sido uma viagem. Trabalhamos para que Ana encontre as suas teclas no projecto, isso é muito importante para mim. Também tem sido um espaço onde muitas práticas entram em conflito, por exemplo, o desapego: o que tem que acontecer vai acontecer. Tem sido um bom exercício, entrar num espaço de perda de controle. Tudo isto é problematizado ao partilhar com a Ana e com a calorosa equipa do Festival Materiais Diversos, tornando Caminhantes possível.

**Ana, como foi para ti a experiência de realizar este projecto à distância com uma artista de outro país?**

O convite para integrar a equipa de CAMINHANTES surge como uma paradoxal surpresa. Implementar a obra de uma artista com quem nunca se trabalhou foi, primeiramente intrigante, mas após o primeiro contacto com a autora do projecto, rapidamente se transformou num desafio interessantíssimo. Porque a proposta se alinhava com aquela que também tem sido a minha pesquisa pessoal no âmbito das práticas somáticas mas, principalmente, porque o ponto de partida e a abordagem de Cifras a essas mesmas práticas, está assente no seu potencial sócio-político. Cifras trata o acto de caminhar como gesto ontológico e dá primazia à(s) experiência(s) pelo “tempo” e “com tempo”. E eu disse – Gosto disso! ¶ Metodologicamente falando, trocamos áudios pelo WhatsApp (ela é realmente maravilhosa com as palavras), imagens, vídeos, textos, mas também sensações, desejos e sonhos. Ela no Chile e eu por aí. Algumas horas de zoom (mas só as necessárias), porque demasiado online soa a contradição quando se busca a “atenção plena” (este é o desejo de Carolina). E assim no vai e vem pelas inter-redes desta vida, ela dá-me indicações e eu faço-lhe perguntas. Ganas de abraçar-te Carolina. ¶ Que lo disfruten mucho CAMINHANTES!

*ing without our material possessions, taking only ourselves? What is the sensation of feeling our heart within us and not outside of us?”*

**What was it like to create this experience at a distance with an artist from another country?**

*I'd like to start by thanking Elisabete for her generous human qualities and for having the wonderful idea of creating a workshop around research. It was a very human gesture to see that possibility also because of the accident I had. That's why I am very grateful for the space to dialogue. ¶ The whole process has been very nourishing, opening up something intimate to another female artist, in this case, Ana Trincão, and it has been a great surprise, a great opportunity to reconfirm that everything feeds back and grows, in networks, in community. Ana Trincão brought me a challenge, she has been very respectful, creative and generous, very attentive. It has been an experience of communion between her intuitive vision of concepts and my proposal based on what I'd already been working on. It's a communion in which another possibility opened up, it's as if a third body had been born, a mystery, neither Ana nor Carolina. It has been an exercise in thinking about how to dive in and invite Ana to this workshop, invite her into the world of Caminhantes, but for her to remain herself, in that sense it has been a journey. We have worked for Ana to find her keys in the project, that's very important to me. It has also been a space in which many practices enter into conflict, for example, detachment: what has to happen will happen. It has been a good exercise, to enter into a space of loss of control. All of this is problematized in sharing with Ana and the warm Festival Materiais Diversos team, making Caminhantes possible.*

**Ana, how was it for you the experience of doing this project remotely with an artist from another country?**

*The invitation to integrate the CAMINHANTES team happened as a paradoxical surprise. To implement the work of an artist with whom one has never worked, was at first intriguing, but after the first contact with the author of the project, it quickly became a very interesting challenge. Because the proposal was aligned with what had also been my own personal research in the context of somatic practices, but mainly because the departure point and approach by Cifras to those same practices is based on their socio-political potential. Cifras treats the act of walking as an ontological gesture, and gives preference to experience(s) through “time” and “with time”. And I said, I like that! ¶ Methodologically speaking, we exchanged audio via WhatsApp (she is really wonderful with words), images, videos, texts and also sensations, desires and dreams. She was in Chile and I was here and there. Some hours on Zoom (but just what was necessary), because too much time online is too much of a contradiction when you're looking for “full attention” (this is Caroline's wish). And so, in the comings and goings of the inter-nets of this life, she gives me suggestions and I ask her questions. Ganas de abrazarte Carolina. ¶ Que lo disfruten mucho CAMINHANTES!*

#### Carolina Cifras

Carolina Cifras é pesquisadora, performer / criadora e professora de artes performativas. ¶ É licenciada em Artes e Pedagogia da Dança pela Arcis University em Santiago, Chile. Actualmente dá formação no CND (Centro Nacional de Dança em Paris, França) como professora especializada em dança. ¶ Participou de diversos seminários nacionais e internacionais relacionados com as práticas corporais na área de movimento e criação. ¶ Participa e colabora como intérprete desde 1990 com diversos criadores nacionais e internacionais na área da dança contemporânea e do teatro, entre os quais se destacam os artistas Nury Gutes, Paulina Mellado, Javiera Peon-Veiga, Elizabeth Rodriguez, Rodrigo Perez, Almudena Garrido, Francisca Morand e Claude Brumachon. ¶ De 1994 a 2005, integrou o Centro Coreográfico de Nantes, liderado por Claude Brumachon, onde desempenhou diversas funções como criadora e intérprete de repertório e integrando a equipa de seminários de sensibilização para a dança e difusão. ¶ Como professora titular, ministra seminários na área de dança e criação em várias universidades nacionais, como Universidad de Chile, Universidad Mayor, Universidad de Valparaíso, Universidad Arcis, Escuela Moderna e é a fundadora da escola de dança em Universidad de Las Américas (2004). ¶ No campo da investigação e criação, os seus trabalhos mais notáveis são “2010” (2008), nomeado para o prémio Altazor e financiado pelo FONDART; “PAMPA” (2012) no ciclo Sala Arrau; “OROPEL” (2016), residência e estreia no NAVE, com financiamento FONDART; e “PESO MUERTO” (2019), residência no NAVE, KET / Grécia e Le Quartz-France, estreada no âmbito do festival DANZFABRIK em Brest, França, também integrado no programa CONSTELACIONES. ¶ Na pesquisa em curso o foco tem sido como o ser/corpo é atravessado, impactado e afectado pela situação socio-económica chilena e aprofunda-se no conceito de Necropolítica e nas suas dimensões material e imaterial.

#### Ana Trincão

Investigadora e artista multidisciplinar. Doutorada em Estudos da Cultura (UCP.Lisboa), fez Mestrado em Dança (UDK/HZT.Berlin) e completou a licenciatura em Artes Visuais (ESAD.CR). Co-Fundadora dos colectivos SAS Orkestra de Rádios e Apneia Colectiva. Os seus projectos cruzam a Dança e as Artes Visuais e já foram apresentados na Europa, América Central, América do Sul, Cabo - Verde e Índia. O seu principal campo de interesse são os estudos da dança somática e performance e suas políticas.

#### Carolina Cifras

Carolina Cifras is a researcher, performer/creator and teacher in living arts. ¶ She has a Bachelor in Arts and Dance Pedagogy from Arcis University in Santiago, Chile. She is currently training at the CND (National Dance Center in Paris, France) as a teacher specializing in dance. ¶ She has participated in various national and international seminars related to body practices in the area of movement and creation. ¶ She has participated and collaborated as a performer since 1990 with various national and international creators in the area of contemporary dance and theater, among whom are artists such as Nury Gutes, Paulina Mellado, Javiera Peon-Veiga, Elizabeth Rodriguez, Rodrigo Perez, Almudena Garrido, Francisca Morand and Claude Brumachon. ¶ From 1994 to 2005, she formed part of the Choreographic Center of Nantes, led by Claude Brumachon, where she performed various tasks such as creations and repertoire performer, and became part of the team in charge of seminars for dance awareness and diffusion. ¶ As a tenured professor, she conducts seminars in the area of dance and creation at various national universities such as Universidad de Chile, Universidad Mayor, Universidad de Valparaíso, Universidad Arcis, Escuela Moderna and is the founder of the school of dance at Universidad de Las Américas (2004). ¶ In the field of research and creation, her most notable works are “2010” (2008), nominated for the Altazor award and financed by FONDART; “PAMPA” (2012) in the Sala Arrau cycle; “OROPEL” (2016), residency and premiere at NAVE, financed by FONDART; and “PESO MUERTO” (2019), residency at NAVE, KET / Greece and Le Quartz-France, premiered in the context of the DANZFABRIK festival in Brest, France, also part of the CONSTELACIONES program. ¶ In stage research, the focus has been how the being/body is intersected, impacted, affected by the Chilean socioeconomic situation. Today she delves into the concept of Necropolitics and its material and immaterial dimensions.

#### Ana Trincão

Researcher and multidisciplinary artist. Holds a PhD in Cultural Studies (UCP.Lisboa), a Masters in Dance (UDK / HZT. Berlin), and completed a degree in Visual Arts (ESAD.CR). Co-founder of the collectives SAS Orkestra de Rádios and Apneia Colectiva. Her projects cross Dance and Visual Arts and have been presented in Europe, Central America, South America, Cape Verde, and India. Trincão's main field of interest is the studies of somatic dance and performance and its politics.